

Um marajoara na Pesca do Pará.

Nada mais justo que um marajoara, de Cachoeira do Arari, ser nomeado para Superintendente Federal da Pesca e Aquicultura no Estado do Pará.

Muitas vezes o acaso faz coisas admiráveis. Certamente, na imensidade de interesses e correlações políticas que tecem a rede federativa entre Belém e Brasília, faltam tempo e percepção para os detalhes.

Não há dúvida de que a escolha ministerial pelo o engenheiro elétrico Carlos Alberto da Silva Leão, nosso Albertinho Leão; vem ao encontro da capacitação profissional e da representação política que este goza e acumula.

Porém o que é de frisar neste ato é a oportunidade para um homem do Marajó, estar situado numa área vital para o desenvolvimento sustentável de um setor sensível e controverso, como a pesca regional. Como sempre, o potencial acende as imaginações e a realidade prima pelas contradições: Mais do que a experiência técnica, aqui é a capacidade de diálogo, compreensão e o arrojo para mostrar novos caminhos que se fazem necessários.

Estamos certos de que o Ministro pode confiar e aguardar uma boa safra de ações do Superintendente Regional e que também muitos amigos e companheiros do Albertinho, inclusive os que nem sabem que o simples caboclo cachoeirense é Oficial de Marinha Mercante e Engenheiro com Pós-graduação em gestão pública pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPa); estão prontos para ajudá-lo a cumprir a missão.

Esta não será uma tarefa fácil. Temos aí a população mais vulnerável e tradicional do Pará - os ribeirinhos da pesca tradicional. Existe um "Apartheid Social" antigo que dispensa comentários. Mas a cooperação com a pesca industrial terá que ser feita em nome da produtividade e da responsabilidade socioambiental do setor.

Historicamente, o Pará até metade do século XVIII era movido pela pesca dos chamados

"gados do rio" (peixe-boi, tartarugas, pirarucu). A moeda corrente eram arrobas de peixe seco e defumado na falta de sal; de modo que a devastação dos recursos da pesca seja ela lacustre, de estuário ou rios, sofreu um impacto extraordinário que vem se agravando no mundo inteiro.

Naturalmente, o Ministério da Aquicultura e da Pesca, criado pelo Presidente Lula, é uma resposta efetiva a este estado de coisas e o Pará, mais do que outra unidade da federação tem muito a oferecer ao Brasil, e quiçá ao mundo, em crise de alimentos, na medida em que políticas, investimentos e pesquisas forem direcionados ao setor.

Sobre o incentivo para haver a modernização da pesca industrial: não podemos nos esquecer da proteção devida às comunidades artesanais. Estas, na base da pirâmide social devem ser orientadas com seu saber tradicional a dialogar com a ciência e tecnologia, inclinando-se para fazendas e cooperativas de aquicultura.

Nada disto, porém será possível se comunidades da pesca, empresários, políticos, gestores, pesquisadores e o público em geral não se der conta dos urgentes avisos que a FAO está emitindo, agora felizmente sob direção do cientista brasileiro José Graziano da Silva; que por certo o Pará se unir acima de suas históricas divergências para fazer brilhar a estrela solitária do equador atrairá atenção nacional e internacional a fim de que se possa fazer a diferença.